

Juliana Rabelo

DeS
car
re
go

Juliana Rabelo

Des
car
re
go

í
INSÍGNIA

Copyright © 2022 Juliana Rabelo
Copyright © 2022 INSIGNIA EDITORIAL LTDA

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio — gráfico, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou outros — sem o consentimento prévio por escrito da editora.

EDITOR: Felipe Colbert

REVISÃO: Eliana Moura Mattos e Felipe Colbert

DESIGN & PRODUÇÃO: Equipe Insignia

IMAGEM DA CAPA: iStock / Getty Images

IMAGEM DOS CAPÍTULOS 1, 6, 13, 17, 23 E 28: Pexels / Monstera

Publicado por Insignia Editorial

www.insigniaeditorial.com.br

Instagram: @insigniaeditorial

Facebook: facebook.com/insigniaeditorial

E-mail: contato@insigniaeditorial.com.br

Impresso no Brasil.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rabelo, Juliana
Descarrego / Juliana Rabelo. -- São Paulo :
Insignia Editorial, 2022.

ISBN 978-65-996157-7-1

1. Literatura juvenil I. Título.

22-98832

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura juvenil 028.5

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Para Nala,
que me ensinou a ver o invisível.

e

Para José Henrique, Luís Cláudio e Manoela,
que me abriram as portas por onde eu precisei passar.

“A esperança tem duas filhas lindas, a indignação e a coragem; a indignação nos ensina a não aceitar as coisas como estão; a coragem, a mudá-las.”

Santo Agostinho

Descarrego

Ritual empregando banhos de ervas, orações e outros, para livrar uma pessoa de espíritos ou entidades sobrenaturais maléficas, bem como de energias deletérias.

Fonte: Wikipédia

PREFÁCIO

As muitas faces de Juliana Rabelo

Engenheira, gestora concursada no Ministério do Planejamento, assessora ministerial, pintora, blogueira e escritora, Juliana Rabelo, a autora deste livro, tem múltiplas faces e exerce todas com competência e doçura – qualidade que, depois de enfrentar um problema de saúde, em 2016, emergiu do seu lado feminino e que ela se empenha em vivenciar e adubar. Múltipla, ela utiliza suas ferramentas de acordo com as necessidades de suas diferentes personas. A Juliana pintora traça com pinceladas suaves e muita cor suas mulheres, fadas e magas. Todas têm olhos e bocas grandes, cílios longos e são rodeadas de pingos dourados que as iluminam e dão realzeza.

Já a escritora Juliana pinta com dureza e tons plúmbeos a vida da maioria dos brasileiros deste século XXI. E é disso que trata este livro. Descarrego aborda a invisibilidade de grande parte da população brasileira, aquela “cujos pais são analfabetos — totais ou funcionais. Que mora numa casa onde pelo menos metade da parede está no reboco. Que todo mês se despede de um amigo vítima de bala perdida. Que sempre perdeu pelo menos um membro da família para o tráfico e outro para a cadeia. Que frequentemente passa fome, pois precisa vender o almoço para comprar a janta. Que se aperta no ônibus ou no metrô quase duas horas por dia para chegar ao trabalho que paga um salário-mínimo por mês. Isso se você for do time que tem alguma sorte.”

Mas também indica o único caminho a ser trilhado por esses brasileiros para se libertar da invisibilidade: a educação. E a indicação desse trajeto a ser (per)seguido é clara: “Eu vou pensar. E, com isso, eu vou escrever. E, ao escrever, eu terei voz. E, ao ter voz, não serei mais invisível. E quando eu me tornar visível, quantos de nós conseguirei trazer comigo?”

Descarrego, portanto, é uma ode à educação, já que é ela a força que pode modificar estruturalmente a sociedade brasileira, tornando visíveis os milhões de invisíveis que vivem à nossa volta. E à educação

como um ato político, que liberta os indivíduos por meio da “consciência crítica, transformadora e diferencial, que emerge da educação como uma prática de liberdade”, como bem diz Paulo Freire em seu *Pedagogia do Oprimido*.

José Henrique Paim Fernandes
Economista, professor e ex-ministro da Educação

PRÓLOGO

Expansão.

Uma inspiração profunda.

Pronto.

Nasci.

Alguma dor conforme o ar rasga pela primeira vez os meus pulmões. *Rasgar* não é o verbo adequado, até porque ele entra para me abençoar com a vida, mas a primeira vez dói. Então, rasga mesmo.

Grito! Em alto e bom som, como todos nós fazemos em nosso primeiro momento de afirmação como seres humanos. Grito para deixar claro que tenho voz. E que não estou nem um pouco satisfeita de ter saído da minha lagoa escura e tranquila onde só conhecia o barulho das batidas do coração de minha mãe.

As enfermeiras me reviram de cima para baixo, um mal necessário, e eu grito com mais força. Parece não ter fim essa tortura... Finalmente sou enrolada em um cueiro de algodão e entregue a ela. Agora, sim! Eu reconheço esse coração. Ela me abraça com força e depois cochila exausta comigo no colo. Eu seguro com carinho o seu dedo mindinho, sentindo o cheiro do colostro que começa a sair dos seus peitos. Nesse momento, não preciso de mais nada.

Calma, calma, calma.

Preciso, sim.

Eu preciso de um nome.

Eu preciso de algo que garanta que sou quem sou, que a minha mãe é minha, que o meu pai é meu.

Por isso meu pai precisa providenciar o meu registro civil, antes mesmo de eu sair do hospital. Ele sai e volta com a enfermeira, depois de um tempo, mostrando orgulhoso à mamãe o meu primeiro documento.

Janaína da Silva Brasil. 13 de março de 1998. Cidadã brasileira.

Minhas primeiras posses. As únicas que ainda serão minhas até eu morrer. Tudo num pedaço pequeno de papel. Bonito.

Mas tem um detalhe relevante que esse papel só conta se você

prestar bastante atenção. Eu nasci numa sexta-feira. Sexta-feira 13.
Então, tenho mais um pertence que me foi dado no meu nascimento.

Um pertence que ninguém quer.

Um encosto de mau agouro.

1.

OLÁ, MINHA BELA,

ATÉ QUE ENFIM!

PARABÉNS PELOS SEUS DEZESSETE ANOS.

VOCÊ NÃO IMAGINA COMO ESTOU SATISFEITO.

EU JÁ ESTAVA FICANDO CANSADO DE TE ESPERAR.

FINALMENTE VOCÊ CRESCEU!

AGORA COMEÇA A NOSSA MELHOR FASE.

CRIANÇAS NÃO ME INTERESSAM MUITO.

**ELAS TÊM UMA DOSE DE OTIMISMO E ESPERANÇA QUE ME
CANSAM.**

ESQUECEM RAPIDAMENTE O QUE ACONTECE DE RUIM.

E VAMOS SER SINCEROS: EU GOSTO DE QUE SE LEMBREM.

A LEMBRANÇA PERPETUA O SOFRIMENTO.

MAS ISSO NÃO SIGNIFICA QUE TE DEIXEI CRESCER EM PAZ...

VOCÊ ME OUVIU, QUE EU SEI.

SE LEMBRA?

SOPREI BAIXINHO MUITAS VEZES NO SEU OUVIDO.

E VOCÊ FICAVA QUIETINHA ESCUTANDO.

O CORAÇÃO BATENDO ACELERADO.

O CORPO MAGRO TREMENDO DE LEVE.

VOCÊ ESTÁ PRESA E CONDENADA.

COMO TODOS OS DEMAIS.

ESTA É A SUA SINA.

ESTA É A SUA DOR.

NÃO ADIANTA TENTAR, NÃO ADIANTA SONHAR.

PARE DE DESPERDIÇAR ENERGIA.

NÃO TEM NADA PARA VOCÊ EM OUTRO LUGAR.

EU DECIDI O SEU DESTINO.

SOZINHO.

VOCÊ JÁ NASCEU PRESA A ELE.

LIMITADA.

VIGIADA.
MARCADA COMO GADO.
PALAVRAS. FOI ASSIM QUE DOMINEI VOCÊ.
SÓ QUE NÃO SEREI MAIS TÃO BONZINHO.
A PARTIR DE AGORA, VOU ME DIVERTIR.
POR ISSO, PRIMEIRO QUERO TE DEIXAR ACHAR QUE PODE...
MAS A VERDADE É QUE NÃO HÁ COMO VOCÊ ESCAPAR DE MIM.
VOCÊ JÁ ME PERTENCE.
ENTENDEU?
A GENTE SE VÊ DAQUI A POUCO.

SEMPRE SEU.

2.

A família toda está reunida aqui no barraco. Eu, Benedita, Maria e Antônio José. Minha mãe e meu pai. Um refrigerante Guaraná Jesus de dois litros e um bolo de brigadeiro. Hoje eu faço dezessete anos. Na minha modesta opinião: E daí? Não é grande coisa. Só um dia ordinário numa vida ordinária. Meu pai fez questão da festa, ainda que eu ache que não temos muito o que comemorar.

— Temos sim, Janaína. Temos que comemorar a vida. Estais morta? Não! Então, se comemora e pronto.

Otimista. Isso é o meu pai e o seu jeito de ver as coisas. Eu entendo o ponto de vista dele. Só que, quanto mais cresço, mais discordamos... Ando meio desenganada com a vida mesmo.

— Eu falo que essa menina está se tornando uma ingrata... Ninguém aguenta mais os teus hormônios, Janaína! Todo mundo sabe que a nossa vida tá difícil, tá ruim... Mas daqui a pouco, quem sabe melhora?

Que meu pai seja otimista eu até entendo, porque ele é um ignorante. Ele ignora a verdade sobre mim. Agora, a minha mãe, não. Ela sabe de tudo. Então não tem como tentar me consolar dizendo que vai melhorar. Falar assim é quase um desaforo. Deve ser outra forma que ela escolheu de me provocar, isso sim. Desde que me lembro por gente, minha mãe faz questão de não me deixar esquecer da existência *dele*. Só ela reparou nesse detalhe do meu nascimento. E, sempre que pode, faz questão de jogar na minha cara todo o poder funesto que *ele* tem sobre mim. Agora ela vem falar em melhorar? Me poupe.

Não.

Não vai melhorar.

Vamos ser sinceros. Eu nasci marcada para andar sempre ladeira abaixo. Essa é a real.

Eu sei que na minha idade eu deveria ser diferente. Alegre e vibrante. Cheia de planos para o futuro! Bem... eu tenho planos. Planos de botar fogo nessa merda toda. Radical? Pode ser, mas fazer o quê? A culpa não é minha. Foi a vida que *ele* me deu que me fez assim.

Olho para a nossa casa e chego à conclusão de que não perderíamos muito em um incêndio devastador. São três cômodos no barraco. A cozinha, um banheiro e a sala-quarto onde tudo acontece. Dormimos em quatro colchões no chão, todos embolados. Tem um sofá verde de dois lugares no canto, mas ninguém quer dormir nele, não, pois as molas espetam o corpo. O dia nasce, recolhemos os colchões, colocamos tudo empilhado atrás do sofá e recomeçamos a luta. Comemos sentados no chão. A mesa é um baú de metal velho e azul que um patrão da minha mãe trouxe da África. É ótimo. Função dupla. Serve de mesa e guarda nossos travesseiros e lençóis quando o dia começa.

Resumo: colchões empilhados, um baú enferrujado azul, um sofá verde espetado, uma televisão de tubo apoiada em um caixote de feira e as roupas dentro da caixa de papelão da TV. Dava um desenho bonito do tal de Van Gogh, aquele que a professora contou que era tão doido, que cortou a própria orelha. Sem problemas. Doido... mas pintava bonito. Olha só: “A sala”. Fica a dica, se houver algum pintor com falta de inspiração.

A casa é na alvenaria, que a coisa não está tão ruim assim. Está me ouvindo, seu traste? Nada de tábuas pobres e papelão molhado como já foi... Agora temos tijolos baianos. Mas a parede está só no reboco, é claro. Não dá para ganhar todas na vida.

Temos uma única decoração: uma imagem de Nossa Senhora com o coração na mão e o rosto triste. Meus pais não são católicos, nem evangélicos. Não sei nem se eles acreditam em Deus... Mas a Compadecida é diferente, né? Todo mundo sabe que ela é a mãe de todos. No coração dela sempre cabe mais um. Especialmente aquele filho desgarrado que mais ninguém quer. Acho que é por isso que ela está triste. Seus filhos andam sendo maltratados pelo mundo, e a única coisa concreta que ela pode fazer é abrir o coração.

Como posso ter me esquecido dela?! Já sei o que vou pedir de presente de aniversário! Dezessete anos... Eu posso exagerar, não é?

Compadecida, por favor, tira ele de perto de mim. E, se nem você conseguir tirar, pelo menos me conceda a graça de não deixar ele chegar mais perto, que já me é de grande ajuda.

Faço uma prece silenciosa enquanto seguro com fé o escapulário que trago no pescoço. Foi um presente muito especial que recebi de

minha avó Anita, em uma das suas visitas anuais. É de prata, mas ninguém sabe. Eu digo que é latão mesmo. Coloquei em um cordão de couro as duas imagens tão delicadamente gravadas. Troco o cordão todo ano. A corrente de prata original devolvi para a vovó, e pedi a ela que mantivesse guardada. Quando eu morar em um lugar onde eu tenha pelo menos uma gaveta só para mim, pego de volta.

Ela me deu quando fiz seis anos. Me olhou muito séria. E pediu:

— Estenda a mão, Janaína. Tenho um presente para você. Hoje você faz seis anos. Você não sabe, mas isso é uma conquista e tanto. Nenhum dos meus irmãos chegou nessa sua idade. Todos foram levados antes pela fome e pela seca.

Ofereci a ela a minha mão, com certo medo. Vovó sempre fica muito emotiva quando fala do sertão e da vida que tinha lá até fugir para o agreste.

— Minha mãe demorou a entender. Mas eu não cometerei o mesmo erro. Uma criança que venha nascida entre nós, no meio dessa desgraça, só vingará se tiver ao seu lado uma proteção muito forte. Não se iluda, filha, o *coisa ruim* sempre bota os homens dele para trabalhar. Por isso, nós colocamos as nossas mulheres. Que a Compadecida ande sempre ao seu lado, e lhe conceda a sua proteção.

Fez um sinal da cruz na minha testa, nos meus olhos e na minha boca, jogou a mão para trás do ombro, como quem despeja fora o indesejável, e me deu um pequeno papelzinho pardo todo dobradinho, onde estava o escapulário.

Coloquei a preciosidade no pescoço no mesmo instante, sem nenhuma hesitação, e desde então a tiro o mínimo possível. Mesmo tão pequena, eu não precisava que ninguém me convencesse da necessidade de proteção. Eu não sou surda. Então já *o* ouvia com frequência ao meu ouvido, sussurrando. Pode ser que tenha sido apenas ilusão minha, mas, desde que ela anda aqui pendurada em mim, não *o* ouço mais falar. Ficou mudinho o peste. Também, só faltava *ele* ter coragem de ficar soprando besteira bem no ouvido de Nossa Senhora.